

A SIMBOLOGIA DA MORTE E DO LUTO NA ÓTICA DO CONTO A MENINA, AS AVES E O SANGUE, DE MIA COUTO

Elisa Andrade Costa¹

Maike Sales Ferreira²

Melissa Priscila da Silva Lopes³

Yasmin Oliveira Aguiar Martins⁴

Resumo

O presente artigo busca compreender o uso da simbologia na representação da morte e do luto na obra de Mia Couto, tomando como objeto de análise o conto "A Menina, as aves e o sangue". Partindo de uma abordagem literária e figurativa, busca-se dissertar como o autor retrata o processo de negação, aceitação e ressignificação da perda a partir da relação parassocial que a mãe estabelece com a filha já falecida. A narrativa acompanha o percurso psicológico da personagem, que se recusa a reconhecer a morte da menina, mantendo-a viva em sua memória e em sua rotina cotidiana. Por meio de uma análise interpretativa, são examinados os símbolos centrais da narrativa como metáforas de transição, ruptura e libertação.

Palavras-chave: Morte. Luto. Metáfora. Literatura luso-africana.

Abstract

This present article looks for understand from the use of death's simbology and the grief on Mia Couto's tales, considering the short story as the object of analysis "A Menina, as aves e o sangue". Starting from a literary and figurative approach, search for dissert as the author portrays the denial, acceptance and resignification process due the loss arising from the parasocial relationship that the mother establishes with her deceased daughter. The narrative traces the character's psychological development, which refuse to recognize her daughter's demise, keeping her alive in the memory and daily routine. By an interpretive analysis this study examines the narrative's central symbols as metaphors of transition, rupture, and liberation.

Keywords: Death. Grief. Metaphor. Luso-african literature

¹ Mestre em Letras Vernáculas na área de Literatura Brasileira (UFRJ), docente do UGB-FERP.

² Discente do Curso de Letras do UGB-FERP.

³ Discente do Curso de Letras do UGB-FERP.

⁴ Discente do Curso de Letras do UGB-FERP.

Introdução

Inserido no universo literário de Mia Couto, escritor e biólogo moçambicano, o conto “A menina, as aves e o sangue” mobiliza uma lírica profundamente enraizada na cultura africana, na qual natureza, vida e morte se entrelaçam por meio de imagens simbólicas e metáforas de forte densidade poética. A narrativa apresenta ao leitor um conjunto de ideias misteriosas e incomuns, que desafiam interpretações imediatas e revelam uma escrita marcada pela aproximação sensível com o mundo natural e espiritual. Nesse sentido, o conto configura-se como um recorte expressivo da produção do autor, evidenciando a presença do misticismo como elemento estruturante e como reflexo das matrizes culturais moçambicanas. Essa singularidade estética dos escritos do autor encontra respaldo na leitura crítica de Maria Fernanda Afonso, ao afirmar que:

[...] O universo ficcional de Mia Couto desvela uma maneira fora do comum de olhar o mundo, de sonhar a realidade, de lhe proporcionar um tratamento que a transfigure. Não se trata de qualquer realização; pelo contrário, o texto alimenta-se da constatação de factos que pertencem à realidade quotidiana. [...] Mia Couto instaura a desmesura do invisível no visível e reafirma a dimensão mítica da criatividade moçambicana. (2004, p. 548)

A partir dessa perspectiva, observa-se que o conto se insere no contexto da modernidade literária da Moçambique pós-independência, sendo publicado no volume *Contos do Nascer da Terra* (1997). Embora o livro reúna narrativas de temáticas diversas, mantém-se fiel à identidade africana que atravessa a escrita do autor. Em “A menina, as aves e o sangue”, essa identidade manifestam-se de modo particular ao incorporar o universo infantil como espaço simbólico, articulado à exploração do mito, do símbolo e da sonoridade da linguagem luso-africana, elementos que reforçam a fusão entre realidade e imaginação característica da escrita coutiana. Assim, observa-se que seu realismo tende ao fantástico, aliado ao uso de alegorias, constituindo uma literatura própria desse período histórico. Dessa forma, apresenta a marca da universalidade e da versatilidade no trânsito entre gêneros literários, ao compreender e expor simbologias que se impregnam no enredo e na construção das personagens, conforme aponta Afonso:

As personagens criadas por Mia Couto representam o mosaico colorido de Moçambique, uma nação no cruzamento de vários países. Todos estes homens, negros, brancos, chineses, indianos, gordos, velhos, deficientes, marginais, esfomeados, que povoam as suas histórias parecem na sua enorme simplicidade seres extraordinários que deambulam nos limites da vida, num espaço onde o sonho se confunde com a realidade. A morte persegue-os, mas em geral é ela que dá sentido à sua existência, que os situa no espaço sagrado. (2004, p.374)

Em consonância com essa observação, o realismo mágico percebido em sua prosa renega o sentido da morte como um final absoluto, o que entra em concordância com a cultura africana e seu respeito à ancestralidade, em diálogo com o passado e, nesse caso, a reinvenção do presente ao refletir a certeza do momento fúnebre ao fim da vida. Em "Não se entristonhe, a morte é o fim sem finalidade." (COUTO, 1997. P.12), já se entende o para além do existir no plano material, como perfeito sentido à existência. Assim, aborda-se o signo da fatalidade e de sua consequência alegoricamente, seja nesses ou outros contos de sua autoria, passíveis de uma análise literária e da psiquê das personagens.

1 Entre o Luto e a Metáfora: a Morte como Experiência Psíquica

A escrita de Mia Couto, em grande parte de sua produção, nasce de um espaço em que o fantástico e o simbólico se entrelaçam, jogando com a semântica e mantendo constante diálogo com a mitologia de seu berço cultural. Trata-se de uma literatura que se afasta do mundo exterior por meio de uma porta estreita, capaz de se abrir para múltiplos sentidos e leituras. Em "A Menina, as Aves e o Sangue", essa característica manifesta-se plenamente, sobretudo pela aproximação com a natureza e pelo uso de metáforas que articulam vida e morte. A morte, embora surja de modo súbito, ocupa lugar central no conto e se concretiza, antes de tudo, no plano psicológico, antecedendo o óbito físico propriamente dito. Essa escolha narrativa transforma a atmosfera quase mórbida da história em uma metáfora da vida plena e da dificuldade de aceitar a perda. A menina, morta para a sociedade e para a ciência, permanece viva no cotidiano da mãe que, mesmo diante da imobilidade do corpo da filha, insiste em desejar seu retorno à condição saudável - estado pertencente a um

passado distante -, ao qual ambas se mantêm presas pelo afeto das memórias compartilhadas ou mesmo daquelas que jamais poderiam vir a construir juntas. Essa leitura pode ser observada no seguinte trecho:

Cada vez mais fria, a moça brinca, se aquece na torreira do sol. Quando acorda, manhã alta encontra flores que a mãe depositou ao pé da cama. Ao fim da tarde, as duas, mãe e filha, passeiam pela praça e os velhos descobrem a cabeça em sinal de respeito. E o caso se vai seguindo, estória sem história. Uma única, silenciosa, sombra se instalou: de noite, a mãe deixou de dormir. Horas a fio sua cabeça anda em serviço de escutar, a ver se regressam à vozeria das aves. (COUTO, 1997. p.11)

A temperatura do corpo é descrita como fria, o que pode elucidar o sentimento de se estar sem pulsação, palmos abaixo da terra. O sol, acariciando o que um dia fora uma alma vivente e que agora já não sente a luz preencher seu frágil corpo; mas que presencia a própria mãe presenteando-a com as mais belas flores como se, aquele arranjo pensado, pudesse trazê-la de volta. E quando nem mesmo a luz tórrida é suficiente para acalentar o sofrimento gélido da mãe, a alma, incapaz de descansar, a segue no caminho de volta, em uma marcha fúnebre rodeada de compaixão e temor de que possa ser a última. Com isso, a persona materna, ao longo de todo o conto, trava um embate contínuo com a dubiedade em torno da sobrevivência da filha — conflito que se instala no plano psíquico e passa a orientar sua forma de perceber e organizar a realidade. Essa ambivalência interior revela um estado de conformidade defensiva, no qual a negação da morte funciona como mecanismo de preservação subjetiva diante da perda. Tal movimento é observado nos estudos sobre o luto parental, que apontam a ruptura identitária provocada pela morte de um filho:

Ao perder um filho, o luto aparece como reação imediata, esse acontecimento solicita aos pais uma nova identidade. É durante o processo de elaboração do luto que essa nova identidade se constitui, pois ocorrem diferentes mudanças na vida destes, referentes a concepção de mundo e papéis. (FILHO & LIMA, 2017, p.18)

Assim, em “Ao fim da tarde, as duas, mãe e filha, passeiam pela praça e os velhos descobrem a cabeça em sinal de respeito.” (COUTO, 1997, p.12), compreende-se que o respeito prestado à mulher se diz sobre a perda da menina. Entretanto, esse gesto não é compreendido por ela, cujo caminhar solitário parece conter esperança, ainda que a filha já tenha veementemente partido. Para o mundo,

esse é o estado irreversível que mais se lamenta, mesmo em vida. No entanto, para quem fica, a morte pode ser apenas outra maneira de enxergar o tempo-espço.

Com isso, percebe-se uma constante envolvendo a alegoria da morte nos contos coutianos, seja ela propriamente dita, seja aquela em um plano metafórico não palpável.

Indo além, na ótica do autor em outros contos, a abordagem da morte é retratada como um estado da mente humana, como em "A Gorda Indiana", cuja personagem principal é relatada como uma mulher preguiçosa, gorda e envolta em imundície. Nesse contexto, em um primeiro momento, vê-se que suas condições são fruto de uma negligência com o próprio corpo, fazendo um paralelo ao pecado da gula. Todavia, no decorrer da história, fica subentendido que todas as situações ali descritas, partem do estado mental em que a personagem se encontra: uma profunda tristeza e com pouco amor a si própria. Por isso, não se há vontade de levantar-se do leito, comunicar-se ou até mesmo realizar a higiene básica - sintomas parecidos com a depressão. Com fins de indicar o estado da personagem, o autor utiliza metáforas para explicar o sentimento - ou a falta dele, sendo reiterado por esse trecho:

Como que dormida, a indiana se rendeu. No fim, o homem olhou surpreso os seus próprios braços. Não havia nada, ninguém. Modari se extinguira. Seu corpo saíra da vida dela, o tempo se exilara de sua existência. A indiana se antigamentara. O homem ainda escutou, algures na sala, tombar a caixinha do controle remoto. (COUTO, 1997. P.10)

Sendo assim, é possível observar constância no tom de sua escrita e nos assuntos versados, sem que se tornem redundantes ou monótonos. O partir, em suas diferentes facetas - psíquica, do corpo, da alma e da esperança - perpassa o seu trabalho de modo magnânimo e renova-se com distintas perspectivas.

Já em "A Menina, as Aves e o Sangue" a morte acontece de forma pseudoliteral, pois o autor busca tornar o falecimento da garota uma incógnita sem uma resposta definitiva - ainda que haja fragmentos do texto que provem que houve, de fato, uma perda. É notada essa intenção de Couto em momentos pontuais, como quando a mãe da falecida tenta encontrar meios de provar que sua filha continua viva, tanto através de memórias quanto por mostras palpáveis do cadáver, o qual mantinha por perto pela própria insanidade. No fim, após uma conversa com um dos médicos que tinham

conhecimento do estado de saúde da filha, a mãe finalmente parece aceitar e consumir a degradante verdade em que não pôde crer:

A senhora escutou, mãos juntas, na educação do colo. Anuindo com o queixo, ia esbugalhando o médico. Todo seu corpo dizia sim, mas ela, dentro do seu centro, duvidava. Pode-se morrer assim com tanta leveza, que nem se nota a retirada da vida? (COUTO, 1997. p.12)

Nesse movimento gradual de aceitação, os episódios de delírio da mãe funcionam como um espaço simbólico de suspensão da realidade. É nesse intervalo que a personagem tenta acolher a perda, permitindo que a dor se recolha em seu íntimo e, lentamente, confronte a verdade negada. A ambiguidade entre o consentimento externo e a dúvida interior revela um luto ainda em elaboração, marcado pela recusa em admitir a finitude. Tal dinâmica pode ser compreendida à luz dos estudos de John Bowlby (1985) sobre o luto, especialmente no que se refere às fases iniciais desse processo. Ao receber a notícia da morte da filha, a mãe manifesta o entorpecimento característico do choque, seguido pela busca insistente da presença do ente perdido.

À vista disso, o luto revela-se como uma travessia íntima, moldada pelo tecido social que envolve o sujeito de maneiras diversas. Em determinadas jornadas, essa experiência converte-se em ferida psíquica, exigindo o amparo de vozes profissionais para que a ausência possa, pouco a pouco, adquirir um novo significado. Nesse percurso simbólico, adentramos o signo dos pássaros, presentes em todos os episódios de nostalgia mórbida vivenciados pela mãe, os quais dialogam diretamente com uma simbologia de anunciação: mensagens etéreas que batem à porta da família e tentam, de forma insistente, abrir os olhos para o real. Tal construção cria uma ambientação permeada pela fé, pelo luto não elaborado e por uma esperança que não liberta, mas flutua entre a necessidade de consolo e a verdade agriçoce da perda.

Nesse sentido, corroboramos as reflexões de Chevalier e Gheerbrant (2008), em *Dicionário dos Símbolos*, ao afirmarem que, entre as múltiplas acepções atribuídas à figura da ave, destaca-se sua associação aos estados espirituais elevados do ser, além de seu papel como mensageira do divino, portadora de presságios destinados àqueles que os recebem.

Desse modo, Mia Couto transforma a morte em um farfalhar de asas que rompe o silêncio e anuncia a necessidade de libertação tanto espiritual quanto psíquica. As aves, símbolos do voo e da partida, traduzem a urgência de converter o peso da perda da filha em movimento, possibilitando à mãe enlutada reconciliar-se com a ausência e, gradativamente, reencontrar formas de existir para além da presença física da filha.

2 Linguagem, Neologismo e Construção Identitária

O conto “A menina, as aves e o sangue” integra um conjunto de narrativas pertencentes à contemporaneidade moçambicana, contexto que favorece uma intensa experimentação linguística na forma de transmitir a narrativa. Nesse sentido, Mia Couto fundamenta sua escrita no uso semântico e sintático das palavras, explorando a linguagem como elemento estruturante do significado da obra. Sua estilística não apenas constrói o universo ficcional do conto, mas também contribui para conservar e projetar o perfil de Moçambique enquanto produtor de uma literatura marcada pela invenção, pela oralidade e pela ressignificação da língua portuguesa.

No que se refere à construção identitária presente em sua lírica, destaca-se, sobretudo, o emprego de neologismos morfológicos, utilizados com a finalidade de retomar uma oralidade ancestral de caráter místico. Essa escolha linguística desdobra-se na autenticidade do discurso narrativo, que se aproxima da fala popular sem abdicar de uma elaboração poética refinada. Assim, observa-se uma linguagem que alia universalidade e versatilidade, apropriando-se de termos cotidianos para expor, de forma direta e sensível, a realidade moçambicana. Tal procedimento pode ser observado no excerto a seguir:

Precisar de ajuda? Que não, doutor, essa menina é feita assim mesmo, levinha como ar em pulmão de ave. Mas o médico insiste, promete mundos sem fundos. Que a fenomenosa miúda podia ficar em memória da ciência. Mas a senhora mãe deveria participar. Era preciso tudo controlar: batimentos, calores, suspiros. Tarefa para mãe a tempo inteiro, se pediam obséquios. (COUTO, 1997. p. 11)

Nesse trecho, evidencia-se o uso expressivo de neologismos, como o adjetivo “fenomenosa”, que reforça a condição singular da personagem enferma, situada num

limiar entre a vida e a morte. Além disso, o autor recorre a outras criações lexicais — em sua maioria adjetivos — que intensificam metaforicamente a narrativa e ampliam a dimensão sensorial da experiência vivida pelas personagens. Tal recurso pode ser observado no uso de “arrastosa” no seguinte fragmento:

A mãe acorria, debruçando a orelha sobre o peito estreito que soletrava pulsação. E pareciam, as duas, presenciando pingo de água em pleno deserto. Depois, o sangue dela voltava a calar, resina empurrando a arrastosa vida. (COUTO, 1997. p. 11)

Ainda no âmbito da criação vocabular, Mia Couto estende esse procedimento ao campo verbal, como ocorre com o verbo “esbugolhando”, utilizado para expressar o gesto insistente e inquieto do olhar da mãe diante do médico: “A senhora escutou, mãos juntas, na educação do colo. Anuindo com o queixo, ia esbugolhando o médico. Todo seu corpo dizia sim, mas ela, dentro do seu centro, duvidava.”(COUTO, 1997, p. 12)

A linguagem empregada, portanto, evidencia uma construção lírica marcada pela experimentação lexical, na qual o autor mobiliza recursos que desestabilizam o uso convencional da língua. Os neologismos, traço recorrente em sua obra, não apenas ampliam a expressividade do texto, mas também instauram uma percepção sensorial e rítmica que aproxima a narrativa de uma cadência quase poética, reforçando o discurso identitário plural que atravessa o conto. Tal perspectiva é corroborada por Silva (2019), ao afirmar que:

Mia Couto, entre tantos temas que se pode evidenciar na sua obra, também explora o papel do escritor, a metalinguagem, o lugar da literatura, a utilização de expressões e epígrafes, tanto com textos ou poemas de outros escritores quanto provérbios e fala de personagens, neologismos, invenções e desconstruções linguísticas, busca pela identidade e reflete sobre os problemas decorrentes da colonização e da situação pós-colonial, assim como evidencia a miscigenação e a pluralidade étnica-cultural do continente. (SILVA, 2019, p. 11)

Ao longo da leitura, observam-se diversos outros exemplos de neologismos cunhados por Couto, como “derradeiragem” e “resfriorenta”, os quais enriquecem semanticamente a narrativa e reafirmam a singularidade de sua expressão literária. Essas criações destacam-se por sua estruturação morfológica, por meio da

combinação de prefixos e sufixos, possibilitando novas formas de dizer e de narrar a experiência cultural moçambicana.

Para além da criação lexical, a inventividade do autor manifesta-se também no jogo semântico, que ressignifica palavras de uso comum. Um exemplo disso é o verbo “arrepia”, empregado com um sentido não convencional, indicando a decisão súbita da mãe em buscar o médico diante do agravamento do estado da filha:

- Agora não sonha, filha?
- Ai mãe, está tão escuro no meu sonho! Só então a mãe arrepiou decisão e foi à cidade:
- Doutor, lhe respeito a permissão: queria saber a saúde de minha única. É seu peito... nunca mais deu sinal. (COUTO, 1997. p. 11)

Nesse contexto, evidencia-se a manipulação da linguagem como instrumento de construção de sentido, articulando forma e conteúdo de maneira indissociável. No plano sintático, destacam-se escolhas que rompem com normas tradicionais, como a ausência recorrente de ênclise e a reorganização das estruturas frasais, priorizando efeitos rítmicos e expressivos:

- O médico corrigiu os óculos como se entendesse rectificar a própria visão. Clareou a voz, para melhor se autorizar. E disse:
- Senhora, vou dizer, a sua menina já morreu.
 - Morta, a minha menina? Mas, assim...?
 - Esta é sua maneira de estar morta. A senhora escutou, mãos juntas, na educação do colo. Anuindo com o queixo, ia esbugalhando o médico. Todo seu corpo dizia sim, mas ela, dentro do seu centro, duvidava. Pode-se morrer assim com tanta leveza, que nem se nota a retirada da vida? E o médico, lhe amparando, já na porta:
 - Não se entristonha, a morte é o fim sem finalidade.
- A mãe regressou a casa e encontrou a filha entoando danças, cantarolando canções que nem existem. Se chegou a ela, tocou-lhe como se a miúda inexistisse. A sua pele não desprendia calor. (COUTO, 1997, p. 11-12)

Além disso, observa-se o uso frequente de elipses, recurso que convoca o leitor a participar ativamente da construção do sentido textual. Esses elementos, articulados, consolidam uma forma literária singular, na qual a lírica não se manifesta apenas no conteúdo temático, mas sobretudo na organização linguística e poética do discurso, como se observa no trecho final:— Mãe, que bom, me acordou! Eu estava sonhar pássaros.” (1997, p. 12). Logo, a linguagem de Mia Couto revela-se objetiva e

acessível, sem perder sua densidade poética, estabelecendo uma narrativa que se aproxima do leitor ao mesmo tempo em que o desafia a decifrar seus silêncios, suas invenções e suas múltiplas camadas de sentido.

Considerações Finais

A partir dos conceitos estabelecidos e explorados no texto, conclui-se que através de sua estrutura narrativa, Mia Couto realizou com maestria a construção da ambiguidade de sentidos baseando-se, para além do significado do morrer ou do viver, na maleabilidade da mente humana e na resistência em conviver com a ausência ou a presença de sentido. Nenhuma palavra em seu texto é vazia de significado e todo sentido se embrenha de maneira profunda e visceral, conforme o olhar do leitor se torna maduro e atento.

É fato que “A Menina, As Aves e o Sangue” não se caracteriza como um de seus textos de mais fácil entendimento e é essencial uma leitura ampla que busque aprofundamento em suas raízes e temáticas. Indispensável, talvez, uma mente capaz de não se perder na literalidade, mas sim uma percepção aguçada e capaz de destrinchar as entrelinhas de seu discurso de forma cuidadosa e atenta.

Constata-se, assim, que Couto não apenas narra uma história de perda, mas, também, guia suas personagens e seus leitores até um caminho de reconciliação com a finitude do mundo. O conto potencializa a literatura como espaço de elaboração do sofrimento, de modo que a experiência individual acabe transformando-se em reflexão coletiva. Fazendo, então, um convite à humanização diante da inevitabilidade da morte.

REFERÊNCIAS

AFONSO, Maria Fernanda. **O conto moçambicano: escritas pós-coloniais**. Lisboa: Caminho, 2004.

BOWLBY, J. P. (1985). **Tristeza e Depressão**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes.

COUTO, Mia. **Contos do Nascer da Terra**. 2ª ed. Editorial Caminho, S/A, Lisboa-1997.



CHEVALIER & GEERBRANT. **Dicionário de Símbolos**. Tradução, Vera Costa e Silva. 22ªed-Rio de Janeiro: José Olímpio, 2008.

FILHO, J. F. C., & Lima, D. M. de A. (2017). **Luto parental e construção identitária: compreendendo o processo após a perda do filho**. *Psicologia Argumento*, (p. 35-88).

SILVA, Rebeca Bulcão da. **Mia Couto: a trajetória literária de um escritor entre fronteiras**. *Revista África e Africanidades*, Ano XII, n. 32, nov. 2019. Disponível em: <https://africaeaficanidades.com.br/>. Acesso em: 20 nov. 2025.